



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## AS DORES DO AMOR: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A SOLIDÃO AFETIVA DAS MULHERES NEGRAS NO SUL DA BAHIA

Eva Dayane Almeida de Góes

*Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB / [evadayane.ufsb@gmail.com](mailto:evadayane.ufsb@gmail.com)*

**Resumo:** A violência doméstica contra a mulher é um fenômeno social silencioso, presente em todas as sociedades. Atualmente no Brasil, os dados estatísticos sobre violência, colocam o lar como o ambiente mais inseguro para elas. Esses dados pioram consideravelmente, quando levamos em consideração a questão racial, e, tende a ser ainda mais cruel, quando acrescentamos a situação socioeconômica. Os estudos sobre violência doméstica que trabalham a intersecção de gênero, raça e classe, têm demonstrado quanto desumana a sociedade brasileira é com esse grupo social. Paralelo a isso, no âmbito sociológico, está crescendo as discussões sobre a solidão da mulher negra – que decorre das consequências da formação racial, cultural e socioeconômica da sociedade brasileira, tendo no racismo, a principal base para analisar esse fenômeno. Nos estudos de gênero, as mulheres negras ainda não são objetos de muitas pesquisas acadêmicas, fazendo com que o recorte racial na produção acadêmica ainda seja incipiente. Neste sentido, esse relato de experiência objetiva contribuir com a discussão da violência doméstica contra a mulher negra, especialmente quando essa violência é decorrente das relações amorosas, tendo o parceiro como o principal agressor, assim, buscamos discutir as consequências da violência doméstica para a solidão da mulher negra. Esse relato de experiência foi produzido a partir de cinco entrevistas semiestruturadas realizadas na pesquisa de campo do trabalho dissertativo. Por fim, consideramos que a violência doméstica tem um papel decisivo na escolha do “estar só”, dessas mulheres.

**Palavras Chaves:** Solidão da mulher negra, violência doméstica, Sul da Bahia, Itabuna.

### Introdução

O preconceito contra a mulher está presente em todas as sociedades desde os tempos mais remotos, e até hoje é determinante na organização socio-histórica de gênero. A igualdade e a liberdade almejadas pelas mulheres, muitas vezes, têm lhes custado a própria vida e é nesse contexto que nos deparamos com a violência doméstica.

A violência doméstica contra a mulher é um fenômeno social que está presente em todas as sociedades e contê-la, atualmente, é um dos grandes desafios do estado e da sociedade, pois produz um grande impacto no vida psicossocial das mulheres, dificultando seu pleno desenvolvimento. Com tantas disparidades em um sistema hierárquico de poder, a violência doméstica manifesta-se de diversas maneiras, e podem ser



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

classificadas como: violência psicológica, moral, sexual, física e patrimonial. Está diretamente relacionada à violação dos direitos humanos e carece de estratégias de prevenção e enfrentamento. Dentre as principais vítimas, destacamos as mulheres negras, que dentro da hierarquia social, encontram-se em situação de desvantagem e em grande vulnerabilidade, pois carregam com elas, além da discriminação de gênero, o peso do racismo.

Cotidianamente a violência doméstica faz mais vítimas letais, por isso é fundamental e urgente a sociedade compreender que o gênero é carregado de características culturais e com isso as mulheres vítimas de violência doméstica sofrem com as consequências das discriminações advindas dele. Nesse contexto, as mulheres negras, que são o elo mais fraco nessa corrente, estão morrendo cada vez mais.

Ao propormos estudar as dores do amor, estamos falando de duas situações importantes que tem sido extremamente difíceis para as mulheres negras: as dores sofridas em decorrência da violência doméstica - causada por aqueles a quem elas confiaram seu amor, e as dores da solidão afetiva em que vivem.

Assim, este trabalho propõe discutir o impacto da violência

doméstica na vida das mulheres negras e como essa violência perpetradas pelos seus parceiros influenciam na solidão afetiva que as mesmas vivenciam atualmente. Inicialmente faremos uma abordagem teórica, buscando o que a literatura e os dados estatísticos discutem sobre o assunto e na sequência abordaremos os caminhos percorridos até finalizar as entrevistas com essas mulheres. Vale ressaltar que este trabalho é fruto de experiências vivenciadas durante a pesquisa de campo do mestrado.

Ao propormos estudar a violência doméstica, nos deparamos com uma grande produção acadêmica que se relaciona com a temática, sobretudo após a publicação da Lei Maria da Penha, mas há um silenciamento singular quando buscamos pesquisas com o recorte racial. Poucos trabalhos foram encontrados, e a maioria trata a questão racial de forma transversal e limitada, evidenciando assim a omissão acadêmica em relação aos estudos de gênero com recorte racial. Neste sentido, Bruna Pereira diz que “no ambiente acadêmico, nota-se também uma postura de resistência em se discutir as questões raciais e de gênero em sua articulação. A bibliografia sobre gênero aborda a temática racial de forma ainda muito restrita e incipiente [...]”



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

(PEREIRA, 2016, p. 14).

Da mesma forma se encontra o campo de estudos da afetividade da mulher negra. Sendo uma área nova de pesquisa nas ciências sociais e na psicologia, a solidão da mulher negra era um tema de âmbito privado que apenas recentemente está sendo discutido na esfera pública, pois conforme assinala Bell Hooks (2000) muitas mulheres negras notam que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor, e essa é uma das verdades privadas que raramente é discutida em público, pois é tão dolorosa que elas tem dificuldades de falarem sobre isso.

Assim, a lacuna em relação as pesquisas sobre a afetividade e a solidão da mulher negra é perceptível a partir dos raros estudos que se debruçam sobre a temática, mesmo essa solidão sendo um fenômeno social que acompanha as mulheres negras desde o período escravocrata. Desta forma Hooks (2000) afirma que o sistema escravocrata criou condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual e que precisamos entender que a opressão e a exploração distorceram e impediram a capacidade de amar do povo negro. Essa situação descrita por Hooks foi determinante para a vida afetiva de muitas mulheres negras,

impossibilitando-as de vivenciarem uma condição de estabilidade amorosa ao longo de suas vidas.

Em relação às pesquisas de solidão aliada à violência doméstica, não encontramos referências bibliográficas para nos apoiarmos, porém é imprescindível entendermos como os variados tipos de violência doméstica, praticados pelos parceiros e ex-parceiros, pode interferir nas escolhas afetivas e nas relações familiares dessas mulheres em uma região historicamente influenciada pelo coronelismo, pelo racismo e principalmente pelo patriarcado, gerando números assustadores de violência doméstica contra a mulher.

Pereira (2016) assevera que as pesquisas feminista são resistentes em adicionar raça/cor como uma categoria de análise importante, principalmente na abordagem da violência doméstica, isso se reflete na dificuldade de encontrar livros que tratem sobre o tema, estando disponível apenas poucos artigos, dissertações ou teses.

#### **Percurso metodológico**

Convivendo com mulheres negras, jovens e solitárias no Sul da Bahia, passei a observar – diante das recentes pesquisas de solidão da mulher negra divulgadas pela



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mídia, que fazíamos parte desse contingente. A partir de então, passei a buscar uma forma de estudar os dois fenômenos que são naturalizados socialmente, mas que causam dores profundas nas mulheres negras. Desta forma, surgiu um problema de investigação que resultou numa pesquisa de dissertação, que está em fase de conclusão.

Decidi estudar as mulheres negras do Sul da Bahia, primeiro porque além de ser servidora da UFSB e prestar seleção de mestrado na mesma instituição, acredito que uma das responsabilidades desta Universidade é colaborar com o desenvolvimento regional, e este se dá também através da produção de pesquisas acadêmicas que possam subsidiar políticas públicas futuras e em segundo lugar porque a cidade de Itabuna figurou na imprensa – local, estadual e nacional, durante alguns meses de 2015, como uma das cidades com maiores índices de violência doméstica contra a mulher na Bahia, chegando a estar em primeiro lugar - em relação ao interior, perdendo apenas para a capital, Salvador.

Após definição do objeto de estudo e de concluir a pesquisa bibliográfica dos temas estudados, chegou o momento de ir em busca dessas mulheres. Mulheres negras, vítimas de violência doméstica pelos seus parceiros ou ex-

parceiros, residentes em Itabuna e que no momento estivesse sem relacionamento afetivo fixo/estável. Toda a metodologia pensada inicialmente para alcançar essas mulheres – através da DEAM<sup>1</sup> ou do CRAM<sup>2</sup>, não teve condições de se realizar, devido a falta de cooperação dessas instituições, assim, só me restou ativar minha rede de contatos pessoais<sup>3</sup>. Através dos amigos e conhecidos, chegamos a 5 mulheres, cada uma com suas particularidades. A maioria delas mães solo, batalhadoras e principalmente, sobreviventes.

Utilizamos o questionário socioeconômico – para assim trabalharmos com a questão da interseccionalidade, e a entrevista semiestruturada, com objetivo de capturar informações que serão analisadas à luz da história de vida, que de acordo com Antônio Chizzotti, a “história de vida é um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua

---

<sup>1</sup> DEAM - Delegacia Especial de Atendimento à Mulher

<sup>2</sup> CRAM – Centro de Referência de Atendimento à Mulher

<sup>3</sup> Além das conversas informais e dos pedidos “boca-a-boca”, enviei um e-mail para os amigos e colegas de trabalho explicando a minha pesquisa e solicitando ajuda para encontrar e acessar essas mulheres. Uma delas respondeu se prontificando e as outras chegaram através dos amigos, que conversaram com elas e elas se prontificaram em participar da pesquisa. Duas entrevistadas foram indicadas por uma delas, durante a entrevista. E assim chegamos a um total de 5 mulheres.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

experiência vivida”. (CHIZZOTTI, 2006, p. 101). O autor ainda afirma que na história de vida o ponto de vista da pessoa entrevistada é tomado como referência fundamental e tem como objetivo obter informações sobre eventos passados, testemunhados, vividos e que ainda não foram registrados. (CHIZZOTTI, 2006)

Para realizar as entrevistas, marcamos anteriormente pelo telefone, oferecendo um espaço seguro e discreto, porém deixando-as livre para escolher o local onde elas desejassem conversar, sem sentir-se ainda mais constrangidas. Desta forma, fizemos 3 (três) entrevistas em suas residências e 2 (duas) em seus ambientes de trabalho, em local reservado. Todos os horários foram escolhidos devido a disponibilidade das entrevistadas e suas limitações, dificuldades e emoções foram respeitadas - antes, durante e depois das entrevistas. Em todas as situações foi lido e explicado a elas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual elas concordaram e assinaram.

### **Discussão e Resultados**

O conceito de violência contra a mulher definido na Convenção do Pará em 1994, diz que violência contra a mulher é qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à

mulher, seja na esfera pública como na privada.

A violência doméstica contra a mulher é uma disfunção social e o impacto “causado por ela é bastante significativo: as consequências envolvem os sujeitos e as famílias, a esfera produtiva, as ações e os orçamentos públicos” (PEREIRA, 2016, p. 24-25), além de atingir mulheres de todas as religiões, classes sociais e etnias. É sempre válido reforçar que a violência doméstica é proveniente da estrutura social baseada no gênero, que rebaixa a mulher e que concede ao homem poder, direitos e domínio sobre as mesmas.

Ângela Davis (2017), afirma que a violência doméstica é ligada às estruturas de poder que há na sociedade, e que não é uma relação simples e mecânica, mas que envolve construções complexas que refletem a conexão da opressão interseccional de gênero, raça e classe. Desta forma, se não conseguirmos entender que essa violência se relaciona com o poder racial, governamental e classista não teremos condições de alcançarmos estratégias que nos permita prevenir e combater de forma eficiente os diversos tipos de violência que vitimiza milhares de mulheres no Brasil e no mundo.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Heleieth Saffioti (2015) afirma que a violência doméstica possui características próprias, sendo a rotinização uma delas, além da relação afetiva desenvolvida entre os parceiros, que é fundamentada em múltiplas dependências recíprocas. A autora ainda explica que, a violência doméstica incide sobre as mesmas pessoas, o que torna a violência algo habitual.

Na Lei Maria da Penha – Lei 11.340/06 temos a definição dos tipos de violência doméstica contra a mulher, são eles:

a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou

que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (BRASIL, Lei 11.340/2006, s.p)

Jackeline Romio (2009) afirma que a subnotificação é um enorme obstáculo para os estudos de violência doméstica contra a mulher, pois devido ao fato da violência acontecer em ambiente doméstico e privado, a sociedade naturaliza a violência, e assim as mulheres não delatam seu agressor.

A cruel realidade da interseccionalidade de gênero e raça se confirma nos dados de Waiselfisz (2015) que afirma em 10 anos os homicídios de mulheres negras cresceram 54% e em um ano foram assassinadas 66,7% mais mulheres negras do que brancas.

A interseccionalidade, nos permite compreender complexa realidade que as mulheres negras vivenciam. Claudia Pons



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pontua que “este conceito foi forjado, nos anos 1980, por feministas negras norte-americanas preocupadas em entender os sistemas de dominação formados a partir do modo como raça, classe, sexualidade e gênero se interligam”. (PONS, 2012, p. 55). Esse conceito foi pensado pela intelectual feminista Kimberlé Crenshaw, que buscou desenvolver um conceito que as pessoas pudessem usar facilmente no dia a dia para descrever a cruel discriminação que os diversos subgrupos de mulheres vivenciam. Neste sentido ela afirma que

a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

(CRENSHAW, 2002, p. 177)

A interseccionalidade permite o entendimento que não se pode decidir ou eleger qual tipo de discriminação iremos combater, pois elas interagem e atuam entre si. E é por isso que reforçamos que o machismo e o racismo

naturalizados na nossa sociedade, colaboram diretamente para a perpetuação das discriminações e das desigualdades.

Ana Cláudia Pacheco (2008) afirma que, nas relações afetivas, a raça é acionada como símbolo de preferência afetiva, a preferência do homem é por um corpo não-negro, escolhem as mulheres com a pele mais clara e isso se dá desde a adolescência, gerando desvalorização pessoal e destruição da auto estima da mulher negra, que a acompanha até a vida adulta. Numa sociedade baseada em padrões, o padrão de beleza eleito não é o da mulher negra, e essa imposição da beleza branca determina a escolha e as “preferências” afetivas dos homens.

No Brasil, as mulheres permanecem em um histórico de solidão afetiva, que se reflete na vida delas até hoje. Assim, Pacheco (2013) afirma que desde a década de 30 já era visível a falta de parceiros afetivos fixos na vida das mulheres negras, sendo confirmado também por Elza Berquó na década de 80, quando traz ao contexto acadêmico os primeiros estudos demográficos que trata a solidão da mulher negra no Brasil. As mulheres pretas são as menos favorecidas quanto as chances de conseguir uma união, diz a autora, além de casarem mais tardiamente e estarem em maior número nos casos de celibato



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

definitivo. (BERQUO, 1987), situações que se mantêm até os dias atuais e se confirmam através dos dados censitários do IBGE.

### **Motivações da pesquisa**

A solidão da mulher negra e a violência doméstica e familiar estão marcadas em minha mente desde que descobri que minha mãe nunca quis se casar ou buscar um parceiro porque temia pela minha integridade física e de meu irmão, principalmente a minha, pois receava que eu pudesse sofrer violência sexual - caso ela viesse a ter um companheiro, e por esse motivo, manteve-se solitária em toda sua vida adulta, e permanece assim até hoje. Essa foi a primeira vez que senti o impacto da solidão afetiva na minha vida. Fique triste, pois ela abriu mão de buscar sua estabilidade amorosa para evitar que seus filhos sofressem as consequências da violência, tão comum nos lares brasileiros.

Paralelo a essa descoberta, perdi uma amiga, ainda muito jovem, vítima de feminicídio (que na época ainda não era assim definido, pois a lei do feminicídio foi promulgada em 2015), ela foi assassinada pelo seu namorado após ter saído com as amigas para comemorar a aprovação em um concurso. Pouco tempo após sua morte, outra amiga

passou de ser assassinada - foi espancada pelo companheiro e quase foi arremessada da janela do quarto andar de seu apartamento.

Eu poderia relatar inúmeros casos de violência doméstica que acompanhei, de pessoas próximas e queridas, mas também de mulheres estranhas, contudo esses dois casos são suficientes para demonstrar o quanto a violência doméstica marcou profundamente a minha vida. Eu, militante feminista desde muito jovem, estava diante de uma epidemia que faz, incessantemente, um enorme número de vítimas e que eu, enquanto mulher negra e pobre, me incluo como um dos principais alvos. Neste sentido, o Mapa da Violência contra Mulheres de 2015 mostra que a Bahia saiu de 152 assassinatos de mulheres em 2003 para 421 em 2013, com um crescimento rápido e gradativo, chegou a 444 assassinatos em 2011 – o ápice nesses 10 anos. O Autor afirma que:

a. Com poucas exceções geográficas, a população negra é vítima prioritária da violência homicida no País. b. As taxas de homicídio da população branca tendem, historicamente, a cair, enquanto aumentam as taxas de mortalidade entre os negros. c. Por esse motivo, nos últimos anos, o índice de vitimização da população negra cresceu de forma drástica. (WASELFI, 2015, p. 29)



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## **Destrinchando momentos e sentimentos**

Realizar as entrevistas não foi fácil pra mim e principalmente para elas, pois relembrar e reviver situações dolorosas, causou um mosaico de emoções. Iniciei as entrevistas já consciente dos índices assustadores de violência contra a mulher negra, Waiselfiz afirma que “o número de homicídios de brancas cai de 1.747 vítimas, em 2003, para 1.576, em 2013. Isso representa uma queda de 9,8% no total de homicídios do período. Já os homicídios de negras aumentam 54,2% no mesmo período, passando de 1.864 para 2.875 vítimas” (WAISELFIZ, 2015, p. 30), ou seja, ao ouvir cada relato, percebi que a maioria delas escapou da morte por muito pouco, entendi que a realização daquela entrevista poderia jamais ter acontecido, porque elas não estarem mais vivas para contar suas histórias, e nesse momento, silenciosamente agradei por suas vidas, por não terem sido mais uma nos dados estatísticos de vítimas fatais.

Alguns relatos foram permeados de muita dor. Cada emoção, cada sorriso, cada lágrima e cada suspiro foram acolhidos e respeitados. Cada entrevista apontou para perspectivas diferentes de violência doméstica, porém em todos

os casos relatados, mais de um tipo de violência foi detectado, nos mostrando que a mulher é vítima dos diversos tipos de violência doméstica concomitantemente.

As cinco mulheres entrevistadas sofreram violência psicológica, moral e física, sendo que algumas delas ainda sofreram a violência patrimonial e sexual. Fonseca; Ribeiro; Leal (2012) afirmam que a violência psicológica e a violência física são as mais frequentes, e na maior parte dos casos a violência psicológica é a mais encontrada, sendo que esse tipo de violência ocorre de forma inicial e persiste durante todo o ciclo de violência, e com o passar do tempo, outras formas de violência vão sendo incorporadas. Segundo as autoras, a violência psicológica sempre é a primeira manifestação da violência doméstica, gerando “nas vítimas sofrimento psíquico, segundo elas mais intenso do que a violência na forma de agressão física. Admitem seu caráter silencioso, crônico, comprometedor da saúde psicológica da mulher”. (FONSECA, RIBEIRO, LEAL, 2012, p. 310)

O medo de ser assassinada, figurou em quatro das cinco entrevistadas, seja em decorrência das ameaças de morte ou das agressões físicas sofridas. Uma delas afirma que a violência sexual sofrida, foi a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pior de todas as violências, pois sentia-se ainda mais humilhada e degradada. Os diversos tipos de violência doméstica retiraram dessas mulheres o poder sobre si e sobre o seu corpo, anularam seus direitos e vontades, trazendo inúmeras consequências para suas vidas, principalmente a vida afetiva. Sobre isso Honnet diz:

Aquelas formas de maus tratos práticos, em que são tiradas violentamente de um ser humano todas as possibilidades de livre disposição de seu corpo, representam a espécie mais elementar de rebaixamento pessoal. A razão disso é que toda a tentativa de se apoderar do corpo de uma pessoa, empreendida contra a sua vontade e com qualquer intenção que seja, provoca um grau de humilhação que interfere destrutivamente na autorrelação prática de um ser humano, com mais profundidade do que outras formas de desrespeito; pois a particularidade dos modos da lesão física, como ocorrem na tortura ou na violação, não é constituída, como se sabe, pela dor puramente corporal, mas por sua relação com o sentimento de estar sujeito à vontade de um outro, sem proteção, chegando a perda do senso de realidade”. (HONNETH, 2003, p. 214-215).

Foi possível perceber que as causas da violência doméstica estão no campo do poder concedido socialmente ao homem – através do machismo e do patriarcalismo, mas também nas diversas manifestações de ciúmes e nas consequências do uso de drogas – lícitas e ilícitas.

Associado a isso, incluímos a “construção social dos papéis masculinos e femininos e da desigualdade existente nas relações de gênero”. (FONSECA, RIBEIRO, LEAL, 2012)

Tortura psicológica, cárcere privado, agressões físicas e sexuais, dependência afetiva, dependência financeira, falta de apoio da família e dos amigos, descrença, medo, pavor, humilhações, foram situações vivenciadas por essas mulheres, em todo ou em parte, e como a maioria delas possuem filhos com seus algozes – quatro delas, ainda tiveram que enfrentar agressões e violências, mesmo já estando separadas.

É importante salientar que a violência moral e psicológica não eram percebidas por elas como violência doméstica; algumas delas, mesmo sendo espancadas, não tinham consciência de que se tratava da violação dos seus direitos, enquanto mulher e ser humano. Em alguns casos, elas chegaram a achar normal as atitudes agressivas, pois as mesmas eram baseadas no ciúme ou na ingestão de bebidas alcólicas – duas situações socialmente aceitas e naturalizadas pela sociedade e internalizada por boa parte das mulheres. Atualmente, essas mulheres vivem sem parceiro afetivo porque querem evitar que a violência doméstica volte a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

aterrorizar suas vidas e a vida de sua família, e assim evitam, conscientemente, se relacionar com outros homens.

### Considerações finais

Essa pesquisa aponta para a necessidade social de instruir e educar as mulheres sobre as manifestações de violência doméstica, principalmente às crianças e adolescentes, para que evitem relacionamentos abusivos ao iniciar sua vida amorosa e sexual, levando-as a identificar a violência psicológica e entender que geralmente ela é a primeira forma de violência doméstica, e assim, colaborar para que mulheres não permaneçam em um relacionamento “sutilmente” violento, evitando que elas sofram outros tipos de violência ou mesmo que sejam vítimas fatais.

A violência sexual, traduzida a partir da falta de vontade de ter relações sexuais ou na negação de atos e posições sexuais, surgiu como a pior violência sofrida, e mesmo não sendo relatada por todas as entrevistadas, figura como a maior e a pior manifestação de violência perpetrada contra uma mulher - a que lhe causa maior dor e sofrimento psicológico, e que influencia diretamente na sua vida afetiva e sexual, causando diversos tipos de bloqueios, e impedindo-as de continuarem

suas vidas afetivas de forma harmoniosa.

Todas as mulheres adultas entrevistadas afirmam que estão solteiras por “opção” e não por falta de “pretendentes”; sentem vontade de se relacionar afetivamente com outra pessoa – de se casar e de ter uma relação amorosa duradoura, estável e sem violência, mas o medo ainda as afasta de alcançarem essa condição. Já as mais jovens, acreditam que há homens bons e não violentos e que elas podem encontrá-los, porém preferem estar solteiras para aproveitar um pouco mais do que a vida tem a oferecer e poder realizar sonhos - que talvez fossem mais difíceis se estivessem com um parceiro, no entanto não descartam o desejo de encontrar um parceiro para dividir o amor.

Assim como sobreviventes de uma guerra - cheias de traumas e dores na alma, essas mulheres seguem, trilhando seus caminhos a partir de novas perspectivas de vida e tendo o amor em seus horizontes.

### Referências

BERQUÓ, Elza. **Nupcialidade da população negra no Brasil**. 1987. Disponível em: < [http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/textos\\_nepo/textos\\_nepo\\_11.pdf](http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_11.pdf) >. Acesso em 07 de ago. 2018.

BRASIL - Presidência da República. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006** (Lei Maria da Penha) Disponível em: <



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm) > Acesso em 12 de nov. 2018.

CARDOSO, Claudia Pons. **Outras Falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 2012. Tese (Doutorado em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo) – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre a Mulher, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <  
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf> > Acesso em 07 de fev. de 2018.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis RJ: Vozes, 2006.

CONVENÇÃO Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher. OEA, 1994. Disponível em: <  
<http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm> > Acesso em 12 de ago. 2017.

CRENSHAW, Kimberle W. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem. 2004. Disponível em: <  
<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> >. Acesso em 20 de out. de 2018.

CRENSHAW, Kimberlé W. **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero**. Revista Estudos Feminista, vol. 10, n. 1, 2002, pp. 171-188. Disponível em: <  
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf> >. Acesso em 01 nov. de 2018.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Cultura e Política**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

FONSECA, D. H., RIBEIRO, C. G., LEAL, N. S. B. **Violência Doméstica Contra a Mulher: Realidades e Representações Sociais**. Revista Psicologia & Sociedade, v. 24, 2012. Disponível em: <  
<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf> > acesso em 15 no. 2018.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos morais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. 2000. Disponível em: <  
<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> > Acesso em 25 de jul. de 2016.

PACHECO, Ana C. Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia**. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <  
[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280705/1/Pacheco\\_AnaClaudiaLemos\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280705/1/Pacheco_AnaClaudiaLemos_D.pdf) > Acesso em 02 de ago. de 2016.

PACHECO, Ana C. Lemos. **Mulher Negra: afetividade e Solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PEREIRA, Bruna C. J. **Tramas e Dramas de Gênero e de Cor: A violência doméstica contra mulheres negras**. Brasília: Brado Negro, 2016.

ROMIO, Jackeline. **Mortes femininas violentas segundo raça/cor**. 2009. Dissertação. (Mestrado em Demografia). Departamento de Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Disponível em: <  
[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/278967/1/Romio\\_JackelineApareci](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/278967/1/Romio_JackelineApareci) >



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

[daFerreira\\_M.pdf](#) > Acesso em 07 de abr. de 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

WAISELFISZ, Julio J. **Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil**. Disponível em: <[http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>. Acesso em 25 de maio 2018.